



PERCEPÇÕES SOBRE MOTIVAÇÃO E AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DURANTE A PANDEMIA

PERCEPTIONS ON MOTIVATION AND AUTONOMY IN ENGLISH LANGUAGE LEARNING DURING THE PANDEMIC

Iana Rocha Pinho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - *Campus* Tucuruí / iana.soure@gmail.com

Dra. Miranilde Oliveira Neves

Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA *Campus* Castanhal
miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

Ma. Jordane Lima Dias Oliveira

Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA *Campus* Belém / jordane.dias@ifpa.edu.br

Área Temática 5: ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS MATERNA, SEGUNDA E ESTRANGEIRA

Modalidade: Artigo Completo

1 INTRODUÇÃO

Devido ao período pandêmico iniciado em 2020, professores e estudantes se viram obrigados, por medidas sanitárias, a estarem longe fisicamente. Além dos desafios já conhecidos da realidade escolar brasileira, outras questões emergiram, dentre elas: como adotar estratégias na aprendizagem de língua inglesa, que mantivessem os estudantes motivados e, ao mesmo tempo, em que promovessem a autonomia destes? Assim, para cada disciplina e tipo de conteúdo, os professores lançaram mão de estratégias específicas, adequando-se ao meio e às condições de aulas *on-line*. As aulas *on-line*, ou aulas remotas, surgiram como um método emergencial, a fim de dar seguimento à aprendizagem dos estudantes, sem prejudicar sua formação.

Com a pandemia, estudantes e professores, mais do que antes, precisaram redescobrirem-se motivados e autônomos em processos de aprendizagem em sala de aula. Nesse sentido, despertar a motivação no distanciamento físico e social foi um desafio para os atores desse processo. A autonomia também se apresentou como um fator importante; ferramenta para redefinir o papel e a relação dos estudantes com os professores à sua própria aprendizagem no distanciamento, pois foi necessário conceber novos esquemas, outras alternativas ao tradicional e fazer com que a motivação fosse permanentemente desenvolvida.

Aliado a esses fatores ora citados, já havia o desejo de explorar os conceitos de motivação e autonomia desde a graduação em Licenciatura em Língua Inglesa, na Universidade Federal do Pará - *Campus Soure* - Ilha de Marajó/PA, algo que vimos possível com a pós-graduação *Lato Sensu* em “Linguagem, Cultura e Educação na Amazônia”, ofertada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), *Campus Tucuruí* – 2020-2021.

Nesse sentido, vimos oportuna a temática e o lócus onde a pesquisa foi realizada, abrangendo 02 (duas) turmas de curso livre do CCBEU, de nível avançado (TOP4) e na turma do TOEFL, com estudantes que iniciaram sua aprendizagem em língua inglesa durante a pandemia.

Assim, descrevemos neste estudo, os resultados da pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão, no âmbito do referido Curso de Especialização, em que se objetivou compreender as percepções de estudantes de um curso livre sobre as etapas de motivação e autonomia na aprendizagem da língua inglesa durante a pandemia. O estudo foi desenvolvido com 05 (cinco) participantes e corroborou para se pensar sobre estratégias de aprendizagem diante de um novo contexto para o ensino-aprendizagem de língua inglesa, o qual aconteceu no período de aulas remotas emergenciais condicionado pela COVID-19.

Embasam a discussão como autores principais, Wilson Leffa (2003, 2016) e Ema Ushioda (2005). O primeiro traz em sua literatura formas de como estudante e professor podem construir juntos a autonomia dos estudantes em sua aprendizagem. Já a segunda, faz com que entendamos melhor como a motivação funciona em cada indivíduo durante a aquisição de uma língua e de que maneira os estudantes podem se manter motivados.

Como resultados, o estudo possibilitou conhecer melhor como a motivação e a autonomia ajudaram o estudante a construir sua aprendizagem durante o período da pandemia. Trouxe também discussões em torno das percepções dos participantes em relação aos conceitos de motivação e autonomia e como eles conseguiram transpor as dificuldades encontradas com a desmotivação.

Estruturalmente, organizamos a primeira parte do estudo discutindo os conceitos motivação e autonomia como conceitos centrais da pesquisa realizada. Na segunda parte, apresentamos a metodologia utilizada, os instrumentos e técnica empreendida e na terceira parte, os resultados e discussões da pesquisa. Por fim, as considerações finais.

1.1 Motivação e Autonomia na aprendizagem de Língua Inglesa

A origem da palavra motivação remonta ao verbo latino *movere*, 'mover', ou seja, o que leva uma pessoa a fazer suas escolhas; envolver-se em algo que lhe é significativo, é o que diz Dörnyei and Ushioda (2011). No seu cerne, motivar quer dizer impulso ou intenção, fazendo com que o indivíduo aja de uma certa maneira. Quando se pensa em movimento, reflete-nos a ideia de um senso comum sobre motivação, tendo nesta, algo que nos faz seguir em frente, nos ajudando a concluir tarefas e a continuar trabalhando.

A motivação pode ser construída em uma atmosfera dentro de sala de aula ou fora dela e sobre intervenções dos professores é conduzida por meio de atividades e estratégias de ensino e aprendizagem, porém a sala de aula possui agentes e componentes que se relacionam, tornando um sistema complexo (PAIVA, 2006). Percebemos, por exemplo, que em um contexto de pandemia, no qual nos encontramos limitados por fatores que fogem ao que se pode controlar ou fazer, ocorrem: atividades mais lúdicas, atendimentos mais individualizados, entre outros fatores, a fim de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem; a sala de aula remota se torna um lugar desafiador para exercer atividades motivacionais para com os alunos.

Portanto, os meios reais e as necessidades humanas que levam professor e estudantes ao desânimo de aprender são diversos, agravados pelo fato de existirem ainda nas instituições de ensino um certo preconceito relacionado a algumas disciplinas, ou seja, destina-se menos carga horária, horários planejados de maneira desintegradas, entre outros fatores. Soma-se a isso, o que afirma Lima (2004, p. 43 - 44) em relação às próprias singularidades dos estudantes adultos e suas obrigações cotidianas como fator desmotivador:

Mas eu devo ser honesto e dizer que nem sempre as pessoas desanimam dos cursos de inglês por ser algo chato e difícil. Algumas vezes, o problema pode estar no professor ou no método. [...] Tem ainda a turma toda que pode ser completamente desmotivada e você o único motivado dentro dela. [...] Algumas vezes, o fator contribuinte para a desmotivação pode ser o estresse do dia a dia, muito trabalho, muita informação sendo recebida ao mesmo tempo e, então, o cérebro começa a pifar e nada mais parece ter sentido. Pode ser ainda um problema pessoal, financeiro, amoroso, de personalidade ou qualquer outra coisa.

Os fatores mencionados pelo autor são problemas reais vividos por estudantes em seu dia a dia, fazendo com que eles se tornem desmotivados, o que prejudica o processo de aprendizagem. Diante disso, sabemos que o ser humano está em constante busca pela sua realização pessoal, ou seja, sempre procurando algo que lhe dê sentido de continuar, mas quando há quebras de expectativas, pode haver o desânimo e a descontinuidade nas aprendizagens e objetivos. Esses acontecimentos não são diferentes no ensino, pois muitos são os estudantes que se esforçam para tirar boas notas e muitos são os professores que buscam melhores meios de ensino para seus estudantes. No entanto, muitos são os fatores que os levam à desmotivação, como podemos lembrar, o ambiente externo é um fator importante e muitas vezes, determinante no desempenho de estudantes e professores, ainda mais em situações atípicas como o ensino remoto.

A autonomia – primordial para a aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira, auxilia o estudante no seu desenvolvimento contínuo, suas competências e habilidades. De acordo com os autores Holec (1981); Litta (1991); Benson (2001); Dickinson (1994) quando os estudantes se conscientizam de que a língua a ser aprendida pode ser praticada e desenvolvida em concordância com suas próprias habilidades e vontades, tornam-se aprendentes melhores, e, conseqüentemente, mais proficientes no uso da língua. Além disso, é muito importante que o professor entenda e busque promover um ambiente em que os estudantes se sintam seguros para que consigam desenvolver autoestima, autoconfiança e autonomia no seu processo de aprendizagem.

Leffa (2003, p. 2) afirma que a autonomia é a “condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem a sua conduta”. Ele traz essa definição para causar inquietação no leitor, pois sabe-se que o homem sempre procurou gerar suas próprias vontades nas atividades que almeja fazer.

Outro autor importante no estudo sobre a autonomia é Little (1991, p. 4) ao afirmar que a autonomia é:

[...] uma capacidade – de distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisões e ações independentes. Pressupõe, mas também requer, o desenvolvimento de uma relação especial com o processo e o conteúdo de aprendizagem. A capacidade da autonomia mostra-se tanto na maneira pela qual o estudante aprende como também na maneira pela qual ele transfere o que aprendeu para contextos mais amplos.

Dos conceitos apresentados pelos autores pode-se sintetizar a autonomia como uma disposição para agir com certas estratégias em busca de aprendizagens, de maneira reflexiva por parte do estudante que almeja alcançar certos objetivos.

Muitos são os fatores que influenciam na presença ou na ausência da autonomia do aprendente, mas um fator primordial é a própria figura do professor, pois ele vai direcionar a sua aula de acordo com o potencial de cada estudante, fazendo com que a autonomia seja um alvo a ser perseguido ou a dependência do professor seja um elemento mais evidente.

Se a autonomia for o objetivo buscado, podemos afirmar que, levar os estudantes a serem estudantes autônomos não é um processo fácil. Necessita de esforços e de entendimentos sobre a complexidade que envolve cada etapa do processo de ensino-aprendizagem. O professor de língua estrangeira, ora, deve aparecer como incentivador de novas experiências de aprendizagem, fazendo com que os aprendentes sejam os protagonistas de sua própria aprendizagem, sempre motivando-o e encorajando-o a reconhecer e acreditar em suas próprias potencialidades, como afirma Freire (2003, p. 119):

Apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objetivo e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica.

Ora, o professor precisará compreender os aspectos cognitivos, metacognitivos e afetivos, que fazem parte também da autonomização do aprendente; a capacidade potencial de agir de maneira diversa diante das estratégias de aprendizagens e de suas próprias limitações. O aprendente também tem o papel de exercer sua independência na busca pelos conhecimentos. Um termo de grande relevância para Little (1991) é o da independência, no qual ele diz que o homem se liga à autonomia por meio de tomadas de decisões e com ações independentes.

Importante ainda é ressaltar que cada indivíduo tem características e estilos de aprendizagem diferentes um do outro, com isso, as estratégias de aprendizado terão particularidades de cada um dos estudantes. É importante salientar que a influência dos estilos de aprendizagem do estudante é um tema muito discutido na literatura, a qual busca conhecer as diferenças individuais, tornando de crucial importância o desenvolvimento da autonomia do estudante, uma vez que ele próprio aprende seguindo seu estilo para alcançar o maior sucesso da aprendizagem. Apesar de sua grande importância dentro da literatura, o ensino de estratégias não é uma fórmula mágica para o sucesso do estudante no aprendizado da língua inglesa, mas existem também fatores externos e internos do aprendente que contribuirão para o desenvolvimento de si mesmo, a conseguir chegar à conclusão de seus objetivos.

Em tempos pandêmicos, realidade que trouxe outras dificuldades para o ensino de línguas, é necessário entender como a motivação e a autonomia esteve presente ou como foi

desenvolvida nos aprendentes da Língua inglesa fora de seu ambiente presencial de sala de aula. É o que vislumbramos nas seções seguintes.

2 METODOLOGIA

Apoiados em Gil (2002) desenvolvemos a pesquisa de cunho qualitativa, que segundo o autor, pressupõe do pesquisador certa experiência para observar um fenômeno em seu contexto natural. Segundo Gil (2002, p. 133) “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. O autor também menciona que a análise qualitativa confia em métodos múltiplos para a coleta de dados, os quais precisamos triangular análises de fontes, para que elas sejam verídicas e fiéis ao campo de pesquisa que está sendo estudado.

Assim, como procedimentos para a coleta de dados, utilizamos das seguintes etapas: a) contato com a instituição e com o professor; b) definição dos participantes; c) observação das aulas; d) contato com os participantes; e) elaboração de um questionário; f) aplicação do questionário e g) análise dos dados.

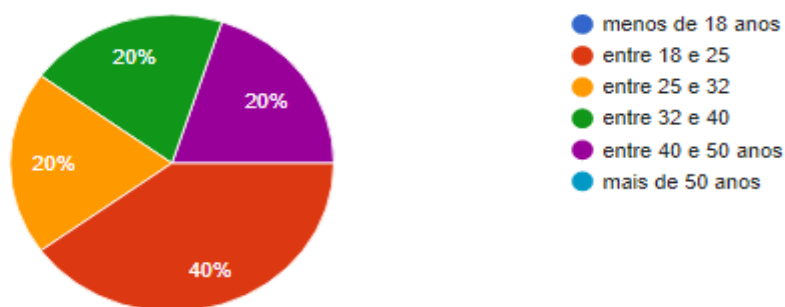
Para a coleta de dados, utilizamos como técnica a observação, a qual “...utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” é o que expõe Lakatos e Marconi (2003). As observações ocorreram via *Google Meet*, de forma remota.

Como instrumentos de pesquisa, foi usado o questionário, o qual nos auxiliou na estruturação das perguntas para os voluntários, que foram respondidas por escrito e de forma remota, visto que estamos passando um momento pandêmico.

As plataformas *on-line* ajudaram não somente na observação ou na aplicação do questionário, mas também serviram como subsídio na análise e resultados da pesquisa e também é por meio dessas plataformas que conseguimos assistir às aulas, fomentar rodas de conversa e outras estratégias direcionadas pelo professor, coletando os dados sem que estejamos em ambientes com o contato físico, além de anotações de campo. A fim de realizar a pesquisa, foi necessário definir os participantes da investigação. Esta pesquisa foi realizada em turmas de curso livre do CCBEU de nível avançado (TOP4), na turma do TOEFL e com estudantes que iniciaram sua aprendizagem em língua inglesa durante a pandemia em língua inglesa.

O perfil dos participantes da pesquisa foram estudantes a partir de 18 anos, regularmente matriculados e frequentando o curso livre de inglês. Normalmente esses estudantes procuraram o curso para aprender a língua com diversas finalidades: viagens, afinidade com a língua ou por outra necessidade. A figura 1 demonstra a faixa etária dos participantes da pesquisa.

Figura 1- Faixa Etária dos Participantes



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados por meio do *Google Forms*, 2020.

A fim de preservar a identidade dos participantes, eles foram identificados por meio de codificação. Os participantes foram identificados como A1, A2, A3, A4 e A5, nos quais a letra A representa a palavra aluno.

Quadro 1 – Codificação dos participantes

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES	
Participantes	Código
Participante 1	A1
Participante 2	A2
Participante 3	A3
Participante 4	A4
Participante 5	A5

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Nem todos os estudantes se disponibilizaram a participar da pesquisa e, com a questão da pandemia, o número de participantes foi ainda mais reduzido. O questionário foi enviado para 8 (oito) estudantes, mas apenas 5 (cinco) estudantes aceitaram participar com as respostas ao questionário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentamos os resultados da observação realizada e as perspectivas dos estudantes sobre autonomia e motivação, por meio da aplicação do questionário que foi feito, o qual apresentou 14 (quatorze) perguntas para 05 (cinco) participantes. Em algumas das

questões aparecem de forma sucinta no corpo do texto e em outras, por meio quadros, como forma de apresentá-las didaticamente. Discutimos também, como esses estudantes conseguiram manter sua motivação e autonomia para seguirem o curso de língua inglesa.

3.1 Observação

O processo de observação iniciou a partir do contato com o professor, para saber da disponibilidade e possibilidade de verificação de suas aulas, e, em seguida, com a instituição, a qual autorizou as observações. O professor informou que suas aulas aconteciam em duas turmas diferentes: às sextas-feiras, com a turma TOP 4 (último semestre de aulas com a turma avançada de inglês) que iniciava às 14h30min e encerrava às 17h25min e aos sábados pela manhã com a turma preparatório para o TOEFL (turma voltada para pessoas que iram fazer mestrado e precisam ter o teste de proficiência em inglês), que começava às 08h30min e terminava às 11h25min. Todas as aulas tinham a duração de 1h20min (uma hora e vinte minutos), sendo ministradas em duas aulas com o intervalo de 15min (quinze minutos).

Antes de iniciar de fato a observação, a instituição forneceu o *e-mail* da turma, para que fosse possível o acesso ao material utilizado pelo professor durante as aulas. Logo depois de o CCBEU criar um e-mail, para que se tivesse acesso ao material que o professor estava trabalhando com a turma, as observações iniciaram no dia 14 (quatorze) do mês de maio e foram até o dia 5 (cinco) de junho de 2021 (dois mil e vinte um). No dia 14 (quatorze) de maio aconteceu a primeira observação com a turma TOP 4 avançada de inglês, em que foram feitas 08 (oito) observações na turma TOP4 e 08 (oito) na turma TOEFL.

A ressignificação do papel do estudante em sala de aula seria o primeiro passo para a autonomização e motivação na aprendizagem deste. Durante a observação, percebeu-se que a aprendizagem ainda segue caminhos tradicionais, mesmo o professor usando estratégias de interação diferenciadas, uma vez que o estudante ainda se comporta como um indivíduo que está na sala somente para receber conteúdo e reproduzir o que o professor repassa. Segundo Leffa (2003) o estudante que se sente motivado a aprender, tornar-se-á um indivíduo mais autônomo e vice-versa.

As aulas remotas surgiram como um método emergencial para dar continuidade ao ensino e aprendizagem de todos, mas com elas a desmotivação dos estudantes só cresceu, pois ao responder o questionário, percebeu-se que os participantes sentem falta do contato físico com os professores e colegas. Eles acreditam que o contato com os outros os motiva a fazer suas atividades com mais qualidade. O método de usar outros recursos para repassar o

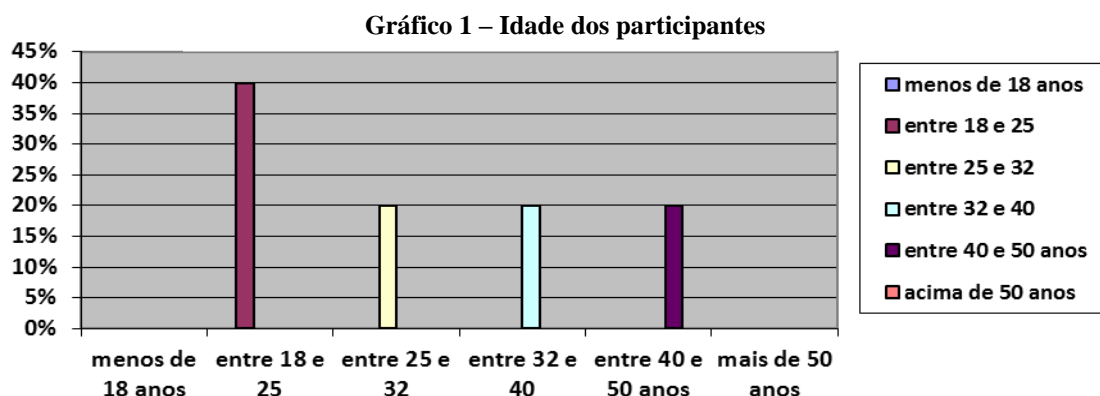
conteúdo, ajuda o professor a motivar os estudantes a realizar as atividades solicitadas por ele. Esses recursos contribuem muito nas aulas remotas, visto que muitos estudantes, nos dias atuais, estão sempre muito conectados na internet. E usar a internet como aliado faz com que os estudantes fiquem mais motivados a aprender.

Nas aulas observadas foi perceptível que o professor sempre buscou aliar o conteúdo abordado no livro com assuntos vivido no dia a dia dos estudantes e com meios tecnológicos muito utilizados por eles. Isso faz com que as habilidades para se aprender a língua em foco tornem-se mais fáceis de serem praticadas. A ideia de se utilizar a internet em aulas remotas é um dos caminhos que o professor pode estar usando como estratégia para que o estudante possa se tornar mais autônomo em sua aprendizagem, e assim torná-los indivíduos protagonistas de sua aprendizagem. As observações das turmas totalizaram 16, ou seja, 08 observações na turma TOP 4 e 08 observações na turma TOEFL. O professor era o mesmo em todas as duas turmas, o qual nos permitiu acesso a todos os conteúdos de aula trabalhado.

Durante toda a observação das duas turmas foi perceptível a desmotivação dos estudantes na aprendizagem da língua inglesa. Em muitos casos, a desmotivação acontecia por meio de intervenções externas, ou seja, problemas pessoais e profissionais que atrapalhavam no desenvolvimento educacional dos estudantes. Outro fator desmotivador foi a pandemia, já que o distanciamento fez com que os estudantes se desinteressassem em buscar meios que os tornassem mais motivados e autônomos. Existem casos de estudantes que procuravam meios de sempre se manter motivados, mas não conseguiam organizar seu tempo e suas atividades, ou seja, precisavam sempre de auxílio de alguém ou algo para direcionar sua aprendizagem, sendo assim, não conseguiam se tornar autônomos.

3.2 Análise do questionário aplicado

O questionário aplicado aos participantes teve como objetivo entender as suas percepções em se tratando dos assuntos autonomia e motivação. Logo na primeira questão, os participantes informaram as suas idades, levando-nos a obter a seguinte porcentagem:



Fonte: Elaboração própria (2021)

A partir da leitura do *corpus* da pesquisa, quanto às faixas etárias dos estudantes que frequentam cursos livres, com base na amostra da pesquisa, e tendo como questão de número 02 (dois) do questionário, pudemos inferir que são heterogêneas, tendo presentes entre as turmas estudantes com 18 até 50 anos de idade, com uma pequena prevalência dos estudantes mais jovens. Não houve, por exemplo, estudantes acima de 50 anos na amostra. Foi identificado que, de todos os participantes, as mulheres foram as que mais procuraram estudar inglês durante a pandemia, já da parte dos homens não houve tanta procura, é o que podemos observar no quadro seguinte.

E quando se perguntou aos participantes sobre o que os motivou a estudar a língua inglesa durante a pandemia, obtivemos as seguintes respostas reportadas no quadro 2:

Quadro 2 – Questão 3

O que te motivou a estudar língua inglesa durante a pandemia?	
A1	“ <u>Necessidade</u> ”
A2	“Sempre tive vontade de me tornar fluente, <u>então durante a pandemia optei por continuar os meus estudos</u> , porque vi como uma oportunidade de ter mais tempo para dedicar ao Inglês”
A3	“A <u>necessidade</u> profissional e também de poder me comunicar durante viagens.”
A4	“Desenvolvimento pessoal.”
A5	“ <u>Aproveitar o tempo disponível</u> e melhorar a minha qualificação”

Fonte: Elaboração própria (2021)

A palavra Necessidade foi relatada nas respostas dos participantes A1 e A3. A1 demonstra necessidade de aprender a língua de maneira geral, já o A3 evidencia o desejo de aprimorar-se tanto profissionalmente quanto pessoalmente a partir dos estudos da Língua Inglesa. O A4, apesar de não trazer em sua resposta a palavra “necessidade”, é possível inferi-la dentro do desenvolvimento pessoal. Chama atenção, entretanto, durante as observações as dificuldades desses estudantes em se manterem motivados durante as aulas, e não conseguiram demonstrar a autonomia necessária para desenvolver as atividades propostas para pelo professor, o que pode demonstrar ausência de motivação interna. Com isso, para Ushioda (2005, p. 2) é relevante que seja fomentada e incentivada a motivação interna do estudante, segundo ela;

De um modo geral, o tipo ideal de motivação interna do aluno tem sido rotulado de motivação intrínseca – ou seja, fazer algo como um fim em si mesmo, para suas próprias recompensas prazerosas e autossustentáveis de prazer, interesse, desafio ou habilidade ou desenvolvimento do conhecimento. A motivação intrínseca contrasta com a motivação extrínseca – ou seja, fazer algo como meio para algum resultado separável, como ganhar uma qualificação, conseguir um emprego, agradar o professor, evitar punições.

Nas respostas dos participantes A2 e A5 evidenciou-se como fator preponderante de motivação para estudar inglês durante a pandemia, principalmente, o tempo disponível, um acontecimento recorrente durante esse período pandêmico, em que muitas instituições passaram a oferecer mais cursos *on-line*, de forma facilitada àqueles com acesso à internet. Assim, muitos estudantes puderam aprender uma língua ou outros conhecimentos de seus interesses. Isso se confirma pela fala de A2 e A5, quando relatam na pandemia uma oportunidade de aproveitar o tempo para melhorar a fluência na língua e, por consequência, a qualificação profissional. Um ponto a ser mencionado é que, durante as observações, esses participantes eram os que mais se destacavam em relação às tarefas remotas propostas pelo professor, podendo-se deduzir que o fator tempo pode ser um motivador.

Assim como em qualquer outra disciplina, aprender inglês tem suas dificuldades e durante esse período, as dificuldades ficaram ainda mais perceptíveis. Ao serem questionados sobre os maiores obstáculos para estudar inglês durante a pandemia, os estudantes responderam à questão 4: Com a pandemia, qual foi sua maior dificuldade em continuar a estudar inglês? E partir dela eles revelaram: A1, de se manter determinado em conseguir continuar buscando seus objetivos e desejos em estudar o inglês, pois muitas vezes a falta de “força de vontade” faz com que muitos estudantes se sintam desmotivados, e assim, acabam desistindo prosseguir com sua aprendizagem. Outro obstáculo de relevância na aprendizagem dos estudantes durante a pandemia, foram as aulas remotas, é o que percebemos nas respostas dos A2 e A3, os quais expressam que o fator de dificuldade para eles foi a falta de contato com colegas e professores, visto que para eles as aulas presenciais é um fator motivador para continuar a aprender.

Nas respostas de A3 e A5, aparecem um dos aspectos que foi parte da desmotivação de manter a aprendizagem de alguns estudantes de curso livre, foi a questão da internet e recursos tecnológicos. Sabemos que, para acontecer as aulas remotas, professores e estudantes tornaram-se dependentes de recursos tecnológicos e da internet, então para os A3 e A5 esse foi um fator de dificuldade, no qual o A5 declara que “isso atrapalhava o andamento da aula”. Para o A4, a sua aprendizagem foi dificultada por não conseguir

manter-se disciplinado, ou seja, não conseguia manter uma sequência de estudo adequado para sua aprendizagem.

Seguindo com a análise das percepções dos participantes sobre a motivação e autonomia na aprendizagem de inglês, por meio do questionário, temos a questão 5: Quais estratégias/métodos de aprendizagem você usou para continuar praticando o Inglês? Notou-se a diversidade de estratégias escolhidas pelos participantes. A estratégia mais usada por A1, A2, A3, A4 e A5 foi de assistir filmes. Os filmes foram os mais usados como recurso de aprendizagem, pelo fato de que durante a pandemia eles foram o meio pelo qual as pessoas usaram para passar o tempo e como uma forma de distração. Como a maioria dos filmes são de produção americana, a escolha deles como um recurso de aprendizagem é o mais recomendado, sendo que se pode usar a opção de legenda para ler as palavras em inglês e praticar o vocabulário, sem contar que assistir filme acaba tornando-se mais prazeroso e motivador.

Um termo interessante usado pelo A3 como fator estratégico de aprendizagem, foi a “*oitiva da palavra*” que é o mesmo que ouvir a pronúncia das palavras, recurso usado pelos estudantes para memorizar e aprender a forma correta da pronúncia das palavras em inglês. Este método, em muitos, é usado de forma autônoma pelos estudantes, mas nem sempre é um meio motivador, pois não usado de forma correta, acaba não sendo tão eficaz na aprendizagem dos indivíduos. Outro fator interessante usado pelo A5 foram as plataformas de vídeos, nas quais o estudante faz contato com pessoas falantes de língua inglesa como meio de aprimorar suas habilidades e passam a ser fator de motivação para quem as usa.

Com o distanciamento, os estudantes se viram obrigados a criar suas próprias estratégias de aprendizagem, e é aí que aflora a autonomia em cada um. O que antes era apresentado pelo professor, hoje é desenvolvido pelo próprio estudante, em praticar a língua alvo com seu próprio esforço. Essas estratégias surgem no processo de construção da autonomia do estudante, no qual ele escolhe os métodos que mais lhes satisfazem fazendo com que seu desenvolvimento motivacional fique em alta. Assim, ele também começa a repassar o seu sistema de autonomia para os outros. É o que diz Leffa (2016, p. 134 - 124) “A própria autonomia - como a cognição, a inteligência e o conhecimento - deixa também de ser individualizada para ser coletiva e distribuída.”

Contudo, além das atividades e estratégias de aprendizagem usadas pelos participantes e discutidas por Leffa (2016) como meio motivador de aprendizagem, as quais mostrou que eles tentaram desenvolver sua autonomia a partir dos recursos escolhidos, outra questão que

trouxe inquietação para os participantes foi a seguinte: Sua maior preocupação ao estudar inglês, é em aprender o assunto ou tirar uma boa nota? De uma forma geral, 100% dos participantes preocuparam-se em aprender o assunto, pois o conteúdo estudado os ajudaria em melhorar seu desempenho nas atividades e na prática da língua inglesa.

Nos dias de hoje, o aprendizado de línguas está focado em conteúdos mais modernos, ou seja, assuntos do dia a dia dos estudantes, procurando utilizar uma língua mais usual, o que não pode ser esquecido é que o conteúdo e metodologia devem caminhar em comum acordo para o desenvolvimento de cada estudante. A questão seguinte procurou saber o que é autonomia para os participantes e o resultado foi o seguinte, apresentado no quadro 6:

Quadro 6 – Ouestão 7

Das opções abaixo, o que é autonomia para você?	
A1	“Capacidade de organizar seu estudo sozinho” “Administra eficazmente seu tempo de estudo”
A2	“Capacidade de organizar seu estudo sozinho” “Administra eficazmente seu tempo de estudo”
A3	“Capacidade de organizar seu estudo sozinho” “Administra eficazmente seu tempo de estudo” “Escolher de forma eficiente suas fontes de informações”
A4	“Capacidade de organizar seu estudo sozinho” “Administra eficazmente seu tempo de estudo”
A5	“Capacidade de organizar seu estudo sozinho”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Nas respostas A1, A2, A3 e A4, eles entenderam que “Administra eficazmente seu tempo de estudo” é um meio de conseguir ser autônomo, o que não estão errados, pois o tempo é necessário para que um indivíduo consiga desenvolver sua aprendizagem de maneira eficaz, e com a pandemia os participantes puderam usufruir deste tempo e dedicar-se ainda mais em seu estudo. Outra característica entendida pelos participantes do que seria autonomia, é ter “Capacidade de organizar seu tempo de estudo sozinho”, muitas vezes ser autônomo não se limita em apenas ter tempo para estudar para estudar, mas também conseguir organizar esse tempo de acordo os afazeres do dia a dia.

Com a pandemia, os participantes conseguiram tempo para aprimorar seus conhecimentos em inglês, contudo, não conseguia organizar esse tempo de estudo, o que levou a desmotivação e ao não desenvolvimento de autonomia dos participantes. Para Leffa (2016) o mundo atual conspira contra a autonomia, porque é por meio da autonomia que os estudantes terão condições de ir muito além do que é repassado somente pelos professores durante as aulas.

Para completar as percepções dos participantes em relação à autonomia, foi elaborada a seguinte questão: quais foram as maiores dificuldades que você sentiu para sua autonomia em aprender a língua inglesa durante a pandemia? De acordo com a questão, a resposta do participante A1 em não conseguir ser autônomo, foi a de não conseguir “Administrar o tempo de estudo”, Isso foi fator desmotivante em continuar fazer as atividades. Já o A2 acredita que a autonomia também depende de interações mútuas, com os colegas e professores. O contato com os colegas e professores é um dos elementos que fazem parte do sistema motivacional e da construção da autonomia dos estudantes. Para o participante A3, o que dificultou sua autonomia foi o *Home Office*, o qual durante a pandemia os trabalhadores viram-se obrigados a realizar suas atividades profissionais em suas residências. No início da pandemia, as atividades *Home Office* não seguiam um cronograma certo de horários, ou seja, muitos trabalhadores acabavam não tendo tempo de continuar seus estudos em casa, e conseqüentemente isso atrapalhava na continuidade de sua aprendizagem. Para o participante A4 a desmotivação veio como um fator de não se manter autônomo, mas além disso ele não conseguiu incluir seus estudos e nem planejar seu tempo para desenvolver suas tarefas. Já para o A5, “estabelecer uma rotina de estudos” fez com que ele não atingisse a autonomia para constituir uma aprendizagem eficaz para seu crescimento profissional e pessoal.

Portanto, a desmotivação e a falta de autonomia, são visíveis nas respostas dadas por eles quando se faz o seguinte questionamento: Ao terminar o curso, sente-se preparado para se comunicar com facilidade? Então, as dificuldades vividas pelos participantes A1, A2, A4 e A5 retratam a desmotivação durante a pandemia, dificuldades que muitas vezes poderiam ser supridas apenas com uma palavra de incentivo, mas que devido a COVID-19 tornam-se um agravante no aprendizado do estudante, mas para o A3, as estratégias usadas por ele e orientadas pelo professor, o ajudou no aprimoramento de se comunicar em inglês. Contudo, ele ainda não se sente preparado para isso e relata a preocupação em praticar ainda mais seu inglês por meio de sua aprendizagem, é o que Ushioda (2005, p.3) expressa em sua fala:

Assim, enquanto a motivação tem sido tradicionalmente considerada como algo que os professores 'fazem' aos alunos através de uma variedade de truques e estratégias motivacionais, o pensamento atual enfatiza a importância de fomentar a própria motivação e o senso de autonomia ou autodeterminação dos alunos.

Isso implica na redução do papel do professor como único mediador de aprendizagem, mas sim, como um orientador de estratégias motivacionais de

aprendizagem. Ushioda (2005) enfatiza que houve um crescimento considerável em se aprofundar no sistema motivacional dos estudantes, principalmente de como ele se comporta no processo social e individual.

Partindo deste exposto surgiu o seguinte questionamento: o professor estava sempre acessível aos atendimentos remotos? Esta pergunta tinha duas possíveis respostas, “sim” e “não”, a qual o “sim” foi respondida em 100% que o professor sempre estava disposto a atender seus estudantes. Muitos acreditam que o professor não tem a responsabilidade em incentivar a autonomia e a motivação em seus estudantes, mas em dias pandêmicos, os professores se transformaram em mediadores de motivação e instrutores da autonomia. Então a acessibilidade aos professores em tempos pandêmicos, mostrou-se um fator de muita relevância para a motivação dos estudantes e no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem.

Uma das formas de os estudantes seguirem motivados, foi pelo uso de aplicativos digitais, os quais eram usados pelo professor para elaborar seu material de ensino, além de usá-los também nas aulas com a intenção de estabelecer um contato mais próximo com seus estudantes. Segundo Leffa (2016, p. 12) “A ideia é mostrar que, ao produzir seu próprio material, o professor tem mais condições de atender aos interesses e necessidade de seus estudantes.” O que Leffa (2016) quer nos mostrar é que, o professor ao elaborar seu material de ensino, o centro de todo o processo de aprendizagem é o estudante, e é por meio do incentivo do professor que ele consegue ser motivado e, a partir da aplicação desse material, sejam atendidas as necessidades e expectativas, a fim de o estudante promover sua autonomia.

Para entender melhor qual a contribuição do professor em promover a motivação e a autonomia dos estudantes durante sua aprendizagem, foi desenvolvida a seguinte questão: Ele apresentou o conteúdo com clareza? O professor dominava muito bem o inglês? Os participantes responderam em 100% que o professor além de repassar o conteúdo com clareza, o mesmo tinha domínio da língua inglesa, o levou os estudantes a sentirem segurança no momento da interação com o professor e seus colegas de aula. Foi identificado também, que durante a observação das aulas, o professor já tinha passado pelos mesmos conflitos e dificuldades que seus estudantes, isso ajudou na compreensão do conteúdo e na dedicação do estudante com a língua inglesa. Nesse sentido, precisa-se entender que não existe fator motivacional e um processo de autonomia ideal, mas existe aspectos na aprendizagem que podem ajudar aos estudantes em sua formação intelectual.

O professor, ao dominar os aspectos culturais de uma língua, desperta no estudante valores e motivação para continuar sua aprendizagem de forma clara e autônoma. Não podemos esquecer que as abordagens metodológicas e técnicas de ensino citadas por Leffa (2016), deram ênfase à seguinte pergunta do questionário: Ele usou estratégias que ajudaram no aprendizado do conteúdo? Pode-se observar que 100% dos participantes responderam que “sim”, o professor usou estratégias e metodologias que os ajudava a não somente compreender o conteúdo, mas também os motivava a criar suas próprias estratégias de aprendizagem, apresentando recursos que os estudantes podiam ter acesso. Neste contexto, além do material didático, para que a autonomia e a motivação dos estudantes aconteçam, foi preciso usar materiais que facilitaram a compreensão dos estudantes, como vídeos no *you tube*, *gifs* e *emotions* (muito utilizados pelos estudantes) dicionário eletrônico, filmes, músicas e rodas de conversas pelo *googles Meet*. Com as respostas dos participantes, entendeu-se que, apesar de muitos ainda não ter se sentido motivados ou autônomos na realização de suas atividades, as estratégias e materiais usados nas aulas, foram importantes na compreensão deles para a conclusão das tarefas e desenvolvimento da aprendizagem.

Durante as observações, a interação feita pelo professor ao sugerir para que os estudantes usassem *gifs* ou *emotions*, que os representassem naquele momento, fez com que eles desenvolvessem suas respostas com autonomia e criatividade para conclusão do exercício. Essa estratégia fez com os estudantes praticassem a habilidade *speak* e interpretação de imagem, as quais são conteúdos exigidos na aprendizagem e principalmente para quem almeja aprender a língua inglesa.

Ademais, o professor implanta nos estudantes, mesmo que inconscientemente, a autonomia por eles desenvolvidas. É o que podemos perceber nas palavras de Ushioda (2005, p. 3) “Como sugere a literatura sobre autonomia, alcançar esse alinhamento implica envolver os estudantes em alguns dos processos decisórios que moldam a aprendizagem.” Partindo desse pensamento, surge a seguinte pergunta: Ele sempre motivava os estudantes com aulas diferenciadas? Percebemos neste quadro, que a diversidade de respostas reflete a satisfação de alguns participantes e insatisfação de outros. Os participantes A2, A3 e A4 sentiram-se motivados com as aulas que o professor ministrava, pois, segundo eles, o professor promovia aulas diferenciadas.

Nas observações foi identificado que os estudantes que mais interagiam eram os que estavam motivados com as aulas. Por outro lado, os participantes A1 e A5 expressaram que nem sempre conseguiam se manter motivados durante as aulas, isso era perceptível no

decorrer das observações, pois culminava na saída de alguns estudantes durante as aulas remotas. Em muitos momentos, no decorrer das aulas, era visível a desmotivação de alguns dos participantes, pois além de fatores externos que os atrapalhavam, as aulas nem sempre superavam suas expectativas na promoção de sua aprendizagem.

As aulas para os estudantes devem ser prazerosas, despertando a curiosidade e mantendo-os interessados no assunto, mesmo após o término da aula. Leffa (2016, p. 119) expressa que “Manter a motivação durante e após a atividade de ensino tem sido uma das grandes metas da educação e é uma das preocupações básicas na produção de materiais.” Conforme os estudantes vão assistindo às aulas, o professor vai aos poucos inserindo as estratégias por ele elaboradas.

Sendo assim, o ideal é que o estudante possa desenvolver a autonomia e a motivação por seu próprio esforço, desenvolvendo estratégias relevantes e adaptadas ao seu próprio contexto, levando em conta os fatores externos, que lhes tragam recompensa material ou social, possibilitando tornarem-se motivados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se compreender as percepções que os estudantes de curso livre têm sobre as etapas da motivação e autonomia durante a pandemia. Sendo assim, foi investigado o comportamento dos participantes diante das dificuldades que surgiram durante o distanciamento devido à COVID- 19, e quais estratégias o professor utilizou para tornar os estudantes mais autônomos e motivados a aprender.

Compreendemos pela pesquisa que os fatores motivação e autonomia dos estudantes que participaram, estão ligados às aulas presenciais, ao contato com professores e colegas e que, esse contato gerava uma competitividade, resultando na constituição da autonomia desses indivíduos no desenvolvimento de sua aprendizagem. Porém, com o período pandêmico, essa competitividade é interrompida e conseqüentemente, a motivação, a autonomia e a aprendizagem desses estudantes foi prejudicada. Outro fator a ser destacado como desmotivante é o da conexão à internet, que prejudicava os encontros das aulas pela instabilidade e o desenvolvimento dos estudantes, e para a pesquisadora, dificultou as observações.

Por fim, infere-se que os estudantes do curso pesquisado, embora entendendo superficialmente os conceitos motivação e autonomia, não conseguem desenvolvê-los plenamente no período pandêmico e de aulas remotas por razões diversas. Muitos deles desenvolveram estratégias e métodos objetivando concluir suas atividades durante o curso, no

entanto, não foram suficientes para desenvolver com mais eficácia as etapas de motivação e autonomia na aprendizagem de Língua Inglesa, o que nos encaminha a outras questões relevantes como proposta para futuras pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

BENSON, P. **Teaching and researching autonomy in language learning**. Uk: Pearson Esl, 2001. Disponível em: <https://www.abebooks.com/9780582368163/Teaching-Researching-Autonomy-Language-Learning-0582368162/plp> Acesso em: 15 set. 2021.

DICKINSON, L. Learner autonomy: what and how? *In*: LEFFA, V. (org.) **Autonomy in Language learning**. Porto Alegre: TFRGS, 1994.

DÖRNYEI, Z e USHIODA, E. **Teaching and researching motivation**. Harlow: Longman, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLEC, H. The Learner as manager: managing learning or managing to learn? *In*: A. A. Wenden; E. J. Rubin (ed) **Learner Strategies In Language Learning**. Englewood Cliffs, in: Prentice hall, 1987.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira: ensino e aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT, 2016. Disponível: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/ferramentas_de_autoria.pdf. Acesso: 15 set. 2021.

LEFFA, V. J. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de língua. *In*: Christine Nicolaides; Isabella Mozzilo; Lia Pachalski; Maristela Machado; Vera Fernandes. (org.). **O Desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de língua estrangeiras**. Pelotas: Ufoel, 2003.

LIMA, Denilso de. **Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

LITTLE, D. **Autonomy: definitions, issues and problems**. Dublin: Authentik, 1991; Londres: Prentice Hall, 1987.

LITTLE, D. **Learner Autonomy: definitions, issues and problems**. Authentik Books for language teachers. Jan.1991. Disponível em: <file:///C:/Users/geralbackup/Downloads/Little1991LearnerAutonomy1.pdf> . Acesso em: 11 set. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n 1, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/geralbackup/Downloads/15628-53358-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/geralbackup/Downloads/15628-53358-1-PB%20(2).pdf) . Acesso em: 21 out. 2021.

USHIODA, Ema; Language learning motivation: current insights and implications. **Batj Jornal**, v. 6, p. 57-63, 2005. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/50489> . Acesso em: 01 out. 2021.

USHIODA, Ema; Language motivation in a reconfigured Europe: access, **Identity Autonomy**. v. 27, n. 2, 2006. Disponível em: <http://go.warwick.ac.uk/wrap> . Acesso em: 20 out. 2021.